

A BÍBLIA E O LABOR TEOLÓGICO NUM MUNDO
DE MUDANÇAS E RELATIVIDADES

Luciano Jaramillo C.

Introdução

A teologia tem, no presente momento, o formidável desafio de:

- deixar claro ao homem de hoje, que se move num mundo de mudanças e relatividades, a realidade transcendente de Deus, suas obras de salvação e a eterna mensagem da verdade;
- adaptar esta mensagem às realidades concretas em que o homem se desenvolve e vive não é tarefa fácil, e o teólogo somente poderá cumprí-la se seu olhar estiver fixo e seu ouvido alerta para ver e ouvir o que Deus diz, quer e ordena em sua Palavra. Porém, ao mesmo tempo, se seus pés seguirem as pegadas de seus irmãos, os homens, se seu coração bater de acordo com o compasso de suas necessidades, angústias e problemas físicos, espirituais e morais, e se suas mãos se ocuparem com o trabalho solidário que busca resolvê-los.

É claro que isto significa, aos teólogos, fazê-lo a partir de sua situação histórica, para saber onde começa

a tarefa de trabalhar com idéias e princípios. O restante é uma simples abstração metafísica; "o pensar abstrato produz o ser flácido", disse um homem de ciência - Teilhard de Chardin - que ao mesmo tempo foi teólogo.

Temos a mensagem. Deus falou. Em sua vida e Palavra, Jesus Cristo deixou clara a vontade de seu Pai para o ser humano: "Esta é a mensagem que ouvimos dele e vos anunciamos." (1 Jo 1.5) Porém, de alguma maneira, para não dizer de muitas, as relatividades em que o homem e a mulher se movem e atuam condicionam o entendimento e a aplicação desta mensagem. A sabedoria do ensinamento de Jesus Cristo esteve não somente na comprovada eterna verdade de sua Palavra, mas também no conhecimento que teve do homem e de seu mundo e na forma admirável com a qual "adaptou" seu ensinamento a este homem e a este mundo.

A encarnação de Jesus Cristo como ato de salvação implica na mais sublime e amorosa condescendência de Deus à situação do homem. É um Deus eterno que se submete às relatividades humanas do tempo e do espaço... e a muitas mais: para fazer-se entender pelo homem em palavras e atos, Jesus Cristo não somente "(...) não julgou como usurpação o ser igual a Deus, antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança aos homens (...)" (Fp 2.6-7). Falou sua língua, viveu em seu mundo, consultou seus gestos, se adaptou a seus conhecimentos e envolveu sua mensagem eterna nas formas relativas de seu tempo. É a divina pedagogia de um Deus que desce ao homem, à sua realidade, linguagem e ciência para fazer-se entender por ele e transmitir-lhe sua vontade de amor. O teólogo, hoje, que tem a mesma mensagem, deve, pois, usar esta divina pedagogia e consultar as relatividades que rodeiam o homem em seu tempo. Na teologia, como em todos os campos da comunicação e do saber, continua sendo válido o antigo princípio filosófico, que no caso se torna metodológico: "o que se recebe, se recebe da maneira segundo a capacidade do recebedor".

Vamos, pois, à situação concreta na qual vive o homem de nosso tempo: um mundo de relatividades, de mudanças, de instabilidade sistemática. A partir daqui será necessário ter em vista os ideais e objetivos últimos do

pensamento teológico que devem encerrar-se em atos de salvação. Em meio a todas estas relatividades, deve mover-se diligente a Palavra; e o teólogo, como o pregador ou o obreiro cristão, tem o difícil ministério de abrir o caminho e facilitar a chegada desta Palavra a este mundo necessitado de redenção e de verdade. Para sermos leais e honestos, digamos também que o fenômeno da relativização está acompanhado de resultados humanos e científicos que fizeram progredir a humanidade e podem facilitar a comunicação da mensagem.

I) UM MUNDO DE RELATIVIDADES E O LABOR TEOLÓGICO

A) Um mundo em evolução: Ciência e Técnica

É uma verdade conhecida dizer que o mundo, a cultura e a civilização evoluem, porém, nunca antes deste século, ou, mais precisamente, nas últimas décadas, se sentiu tão patente e avassalantemente o torvelinho da mudança. A humanidade está sofrendo agora, a passos aceleradíssimos, a 3ª fase da revolução começada no renascimento, que recebeu um impulso surpreendente no começo do século XIX com o invento de máquinas e o surgimento industrial. Tudo isto chegou tarde e precipitadamente à nossa América Latina, o que está tornando mais difícil a sua assimilação; como afirmava com regozijada indolência, o poeta colombiano Porfírio Barba Jacob: "Vai acabar-se o capitalismo, e não vamos gozar dele". Este fenômeno de drásticas evoluções tem suas implicações para o trabalho teológico, que não pode ignorá-lo, mas sim buscar na Palavra a mensagem que fala a cada situação, e revisar sua metodologia para encontrar a forma mais adequada para que esta mensagem chegue, seja entendida e praticada.

Assinalemos como a mais simples e singela consequência desta revolução do saber, o fato de que a sociedade moderna se tem tornado muito mais crítica através do conhecimento e mais exigente para com os que o transmitem. Falemos de ciência e técnica como as dos campos que rodeiam o homem hoje e que deveriam chamar a atenção do teólogo quando fala e escreve sobre Deus e sua verdade

ao homem do século XX; e quando se fala em teólogos, refere-se a todos os que, de uma forma ou de outra, fazem teologia, desde a cátedra ao púlpito, de viva voz ou movimentando uma caneta, pomposamente ou de pouca importância, superficialmente ou com detalhes. Não excluimos, pois, nem ao professor, escritor ou catedrático que deve falar de Deus em sua palestra, nem ao obreiro, pregador ou pastor que faz teologia "a golpes de ministério", a partir das trincheiras da paróquia ou da comunidade local.

1) As ciências. Cada ciência descobre seus campos, seus domínios próprios, os métodos correspondentes e os instrumentos que a conduzem a seus objetivos. Tanto as ciências da natureza como as ciências do espírito encontraram novas possibilidades pela riqueza da investigação científica. A autonomia de cada ciência é uma exigência de sua constituição e de sua estrutura, mas esta autonomia é relativa, porque cada uma é parte do conjunto total da natureza ou do universo criado. Sua interdependência se faz mais patente, todavia, nas chamadas ciências do espírito, entre as quais se encontra o **labor teológico**. A teologia não pode ignorar mais os feitos da ciência, nem considerá-los como inimigos ou rivais da investigação teológica. A sociologia, a antropologia, a psicanálise, a biologia, a história, a física moderna podem mudar o enfoque teológico ou moral de uma determinada situação. Assim ocorre com as decisões do controle de natalidade, os conceitos de reprodução aplicados ao problema da explosão demográfica. A psicanálise tem muito a dizer acerca das realizações no indivíduo, sobre o que chamamos de vocação ao ministério de sacerdotes e pastores. As teorias do materialismo dialético, ainda que as rechacemos, contradigamos e queiramos ignorá-las, não deixam de influenciar, não somente nos eventos sociais e políticos, mas também nos "eventos da religião" e, conseqüentemente, no "labor teológico" de nosso tempo.

2) As técnicas. A técnica é a ciência aplicada à produção, à economia dos recursos num tempo mais curto com maiores resultados. A técnica produz feitos concretos que, paradoxalmente, são simultaneamente "universais". Seu domínio tem se estendido à vida diária, ao trabalho, à in-

dústria, ao estado, à administração pública, aos estratos burocráticos das igrejas, à planificação de tudo. A técnica busca resultados **imediatos**, mensuráveis, rápidos, e seu afã de lucro esquece as motivações éticas do indivíduo, a moral social, as responsabilidades.

O avanço das técnicas de investigação exige que a teologia revise seus métodos, inclusive a linguagem. O maior ataque à teologia vem do **POSITIVISMO LÓGICO**, que reclama, com muita ou pouca razão, no nosso caso, a experimentação prática de qualquer enunciado. É verdade que, na teologia, como nas demais ciências, o método é algo mais que uma técnica científica, externa à natureza dos objetos que investiga. A realidade que se estuda é a primeira guia do método. O teólogo cristão tem a revelação desta realidade na Palavra; Palavra que, sendo clara em si mesma, deve, não obstante, ser escutada, compreendida e vivida pelo homem, assediado de relatividades. No caso da fé cristã, a teologia é uma "**sabedoria**" divina que vai além de toda experiência analítica ou racional. Sabedoria que, segundo Kasper, é uma experiência ("**sapere**"), uma interiorização da glória de Deus no rosto de Cristo; "Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu a luz em nossos corações para iluminação da glória de Deus na face de Jesus Cristo." (2 Co 4.6)

O rosto de Cristo se nos revelou em sua humanidade, que brilhou entre os homens como homem para que nossos olhos pudessem conhecê-lo. A luz de Deus, a glória de Deus, a vida e a verdade de Deus se fizeram "homem", "carne", humanidade na pessoa de Jesus Cristo ... E nós temos sido testemunhas desta realidade de Deus em Jesus Cristo, como o foram seus discípulos:

"O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram a Palavra da vida. (Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos e testificamos dela e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada); O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa

comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo. Estas coisas vos escrevemos para que o vosso gozo se cumpra." (1 Jo 1.1-4)

Porventura, não é papel do teólogo tornar reconhecível a todos, **com a ajuda do Espírito Santo**, este rosto de Cristo, no qual resplandece a glória do Pai? É claro que, para torná-lo reconhecível aos outros, primeiramente deve ele mesmo torná-lo descoberto com clareza para si mesmo. Porém, além disso, deverá fitá-lo com os olhos de um homem, ao qual assediam mil relatividades que, assim como podem ajudar, podem também interferir neste descobrimento.

B) Expansão universal ("mundialização")

A humanidade tornou-se consciente, hoje, de seu poder de expansão física e espiritual. O fenômeno refere-se a uma espécie de consciência universal que o homem moderno tem de si mesmo, em virtude de sua própria dignidade e liberdade, de direitos comuns e de participação em uma pátria que ultrapassa as fronteiras nacionais. Apesar do planejamento e da racionalização, surgem em todas as partes urgências de expansão universal em diferentes zonas e níveis:

1) Crescimento populacional. O primeiro a se expandir foi o gênero humano como tal. Este fato tem duplicado a população mundial entre 1850 e 1950. O ritmo de crescimento, que até o século XVIII estava abaixo de 1%, no século XX tornou-se vertiginoso até ao ponto de alcançar uns 2% ou mais, o que faz com que a população se duplique cada 35 anos, e não cada 100 anos, como no século XVIII. As implicações econômicas do crescimento são graves a curto prazo. Não obstante, são mais graves a longo prazo, a partir do ponto de vista da secularidade social, da educação escolar e técnica, da moral familiar, da convivência e das comunidades, e ainda para a evangelização. Os mecanismos de controle de natalidade não chegam às classes pobres. Por outro lado, são eficientes nas classes econômicas altas, onde o ingresso "per capita" é suficiente.

2) Os Meios de comunicação. A comunicação instantânea por meio de ondas, os satélites artificiais, o rádio e a TV, em geral, criam um sentimento de universalidade, de participação nos acontecimentos, de certa solidariedade intramundana. A simultaneidade das imagens televisivas comunica as formas de vida e a mentalidade de outros povos, aproxima os acontecimentos mais longínquos e influi no comportamento. Igualmente as idéias, os valores e a própria notícia deixam de ser neutros, para serem manipulados pelos que controlam os meios de comunicação de massa. Como, na realidade, a igreja carece destes meios, é inútil dizer que ela perdeu sua influência de outras épocas, a qual alcançava através do domínio da palavra, no púlpito.

3) Os Ideais democráticos. Também estes ideais parecem fazer parte do patrimônio humano desde a Revolução Francesa. É inegável que se tenha progredido nesta direção; teoricamente ao menos, como acontece na América Latina, onde a desigualdade existe, bem como na maioria dos estados do Terceiro Mundo. A proclamação dos Direitos Humanos pela ONU (1949) marca um alvo importante desta organização mundial. Porém, a proclamação não significa sua execução completa e imediata. A paz, o amor, a justiça, as grandes forças morais que têm regido o homem e a sociedade, da mesma forma, obedecem a um lento processo de assimilação, tentativas, êxitos e fracassos. A rocha de Sísifo volta a cair, após ter sido conduzida ao cume de um alto monte. (Sísifo, filho de Eolo e rei de Corinto, segundo a mitologia grega, condenado nos infernos a carregar uma enorme pedra ao cume de uma montanha, de onde a mesma sempre voltaria a cair.)

Não obstante qualquer deficiência nos ideais democráticos, aspira-se a eles. O universalismo aparece em todos os campos. Parece que renasce um afã de criar coletivamente, de cooperar nas grandes empresas, na conquista da ciência, no domínio do espaço. Na **noosfera**, que constitui o meio espiritualizado de Teilhard de Chardin, há campo para povos inteiros, culturas diversas, civilizações por vir.

4) Repercussões da "mundialização" e do sentido da

universalidade comuns ao nosso tempo. Como consequência dos feitos da "mundialização", descritos acima, e outros mais não registrados, a humanidade inteira e o homem individual sofrem o impacto dos fatores citados. Produz-se um contragolpe, que vai desde os efeitos positivos ou negativos da civilização contemporânea até o sujeito, o qual os sente em sua própria carne. O indivíduo, enfim, é o que mais sofre, pois não está preparado nem moral, nem intelectualmente para absorver o golpe. Como indivíduo, ele está sozinho. Como membro de uma sociedade a caminho de ideais democráticos e coletivos, ele assiste ao paradoxo entre a distorção dos pressupostos do grupo em que vive e a distorção dos instrumentos que, no melhor dos casos, promovem a expansão universal e comunitária. Isto é ainda mais real para o homem do Terceiro Mundo que pertence à América Latina.

(a) Distorção do Progresso. Supõe-se que este se fundamente numa igualdade de oportunidades, num gozo dos benefícios do crescimento econômico e científico, no acesso da maioria popular a uma vida melhor. Não obstante, não é assim: 1) acentua-se o desequilíbrio entre os pobres e os ricos; 2) entre regiões ou países ricos e pobres; 3) entre massas de população que permanecem estáveis e outras que transladam ou emigram em busca de segurança, que são empurradas pela força, pela fome, pela guerra. Isto tudo está sendo vivido a nível mundial e, de maneira alarmante, a nível regional. Distorce-se, assim, o progresso que, em teoria, supõe-se igualitário. Contudo, na prática, contradiz o modelo político, técnico ou cultural, que serve de slogan para os chefes políticos e religiosos em algumas situações.

(b) Distorção Sócio-política. Os pressupostos da sociedade científica, democrática e humana que promoveu a técnica sofrem igual distorção. A pretendida unidade das nações entre si, os blocos políticos regionais, de famílias nacionais, de comunidades mistas, já é um desejo frustrado. As nações industrializadas brigam pelos mercados, os blocos de pequenas potências econômicas reduzem-se cada vez mais, aumentam a discriminação racial, a luta entre o Ocidente e o Oriente, a confrontação ideológica.

Em resumo, a industrialização produz a desmembração das potências econômicas; os foros mundiais, como as Nações Unidas, falam em vão e, inclusive, o universalismo das religiões não corresponde à prática organizada das igrejas; pelo contrário a própria religião é penetrada por esta série de distorções. No próprio dia de hoje, temos sangrentos exemplos de religiões que contradizem coletivamente sua mensagem teológica na prática, quando convêm a seus interesses políticos e materiais; judeus e cristãos que contempORIZAM nas batalhas de violência e morte no Líbano; muçulmanos que fazem da perseguição implacável e do sacrifício de vidas humanas um exercício diário dentro e fora das fronteiras de seus países, como Irã e outros; governos que se dizem cristãos, em nome da segurança nacional, voltam-se contra seu povo, matam, torturam e perseguem tantos quantos consideram inimigos, sem estar a igreja livre disto; cristãos e igrejas que, com seu silêncio ou às vezes com sua aprovação, tornam-se cúmplices de injustiças e erros na condução dos povos. Tudo isto diminui a aceitação e a credibilidade da mensagem teológica, tornando verdadeiras as palavras de Mahatma Gandhi: "Admiro a Jesus Cristo, mas seus cristãos não me convencem".

(c) As Distorções e a Mensagem Bíblico-teológica. A contradição entre os objetivos propostos, que se resumem na unidade social e seus resultados (desunião, pobreza, rivalidades, frustrações, polarizações extremas), mostram que tampouco há adaptação entre os meios e os fins para construir a cidade dos homens; isto é, que frente à "Secular City" (cidade secular), da qual falava J.H.Cox, há uma "Civitas Dei" (cidade de Deus), de Santo Agostinho. É aqui que o trabalho dos teólogos assume o papel profético que lhe corresponde: dizer, por exemplo, que o "poder vem de Deus" (Jo 19.11; Rm 13.1) e que, se há discrepâncias entre os membros da família humana, é porque esta se subtrai à paternidade de Deus, a quem nós, que nos chamamos os mais íntimos discípulos de Cristo, temos aprendido a conhecer bem (Jo 16.3); que é necessária, a partir do ponto de vista administrativo e técnico, a ciência, a eficiência, a organização e a distribuição do trabalho, mas que primeiro deve ser buscada a "justiça do Reino" (Mt 6.33).

Então, as coisas presentes podem ser entendidas melhor dentro do contexto de um plano de Deus para salvar o homem (Ef 1.3-11): a planificação técnica, as ciências da investigação e da expansão econômica, a sabedoria do temporal ou dos mecanismos dos condicionamentos sociais, materiais ou arbitrários que limitam a liberdade do indivíduo no grupo. Ao longo de todas estas coisas, não obstante, a consciência de cada um deve ser ilustrada e conduzida pelo labor teológico a compreender sua dignidade, sua vocação divina, seus deveres, as ajudas externas que vêm de Deus, para que os filhos possam clamar ao Pai (Rm 8.15; Gl 4.6).

A densa doutrina da PATERNIDADE UNIVERSAL, com todas as suas consequências, dadas pelo Mestre em seu último discurso (Jo 14,15 e 16), está precisando ser exposta, ensinada, pregada hoje a um mundo e a um homem que se "mundializa" e "universaliza" para fora, ajudado pelos recursos da ciência e da técnica, mas que se "recolhe" egoisticamente em si mesmo, insulando-se interiormente de seus irmãos e criando seu próprio mundo de interesses e preconceitos.

A teologia do poder e da autoridade fundamentados no "serviço" como fruto do amor (Mt 20.20-28) deveria ter prioridade, hoje, sobre muitos outros tópicos e, em geral, o labor teológico deveria encaminhar-se para ser, ele mesmo, um instrumento **prático e atual** de uma clara orientação bíblica para cada uma das conjunturas concretas em que o homem se move hoje em dia. Dizia Heidegger: "Teoria e prática são dois momentos de uma única verdade". H.G. Gadamer acrescenta que a aplicação prática é o **momento estrutural** da verdade, e o teólogo malaguenho González Ruiz acrescenta que "quando a verdade é praticada, então ela é mais verdadeira".

Pode-se, ou não, fazer uma teologia da comunicação, das relações humanas (1 Te 5.4-28), dos direitos e da dignidade do homem (Sl 8; Hb 2.5-18; Fm), da tirania, do desenvolvimento integral? Que mensagem concreta têm, para um homem polarizado e desunido, a doutrina da trindade, da encarnação, da redenção universal, não somente do homem como também do cosmos? Definitivamente, o "labor teológi-

co" é uma atividade do nosso tempo. O mundo e o homem de hoje reclamam, com urgência, o ministério de bons teólogos que interpretem o pensamento de Deus para um homem faminto de verdade.

C) A Sociedade Industrial

Também a sociedade industrial deve ser considerada pelo labor teológico como o contorno necessário, que orienta, em parte, a aplicação dos princípios e que condiciona muitas decisões da pessoa. Não pretendemos dizer que o indivíduo carece de liberdade ante os acontecimentos, mas afirmamos que o ambiente condiciona atitudes que influem no comportamento moral e nas decisões do mesmo.

A sociedade industrial é dinâmica, técnica, intelectualiza-se cada vez mais e, como consequência, satura-se de racionalidade e forças naturais que terminam numa irracionalidade econômica e política. Ali deve situar-se o LABOR TEOLÓGICO para implantar a possibilidade de falar de Deus e dialogar com ele. O contrário faria da teologia e dos teólogos seres abstratos, alheios à realidade do mundo.

1) Mudança de Prioridades. Tecnicamente, **a sociedade industrial é dinâmica**. Por força própria, tende ao crescimento constante, à produção de objetos de consumo, à busca da mecanização, ao aproveitamento máximo dos recursos humanos. Isto implica na inversão de prioridades, na capacitação dos trabalhadores, na abertura de novos mercados, no transporte, na propaganda, na competição, nos problemas financeiros modernos, em todo um mundo de estruturas em crescimento e em conflito, o que equivale a dizer que a sociedade industrial liga-se ao progresso mediante o estado. Deste modo, as preocupações humanísticas passam para segundo plano. Ante as exigências do trabalho e da economia planificada, a metafísica e os assuntos culturais não produtivos (incluindo a teologia) passam a ocupar um segundo lugar nas prioridades da sociedade industrial. Impõe-se, a este respeito, que o labor teológico pense numa mudança do conceito de cultura, que já não é mais metafísico mas antropológico e social, porém reafirmando sua fé na perene atualidade da Palavra de Deus, que fala a esta

situação hoje, assim como também falou a outras situações do passado histórico de seu povo, quando este devia confrontar realidades de avanços no conhecimento e na técnica e mudanças bruscas de culturas, dentro de um mercado de filosofias em ebulição.

2) A Mobilidade. O dinamismo constante de uma sociedade em expansão produziu uma mudança que se repete dialeticamente a partir de cada situação. A América Latina está vivendo esta situação no presente de forma superlativa.

Esta mobilidade se inicia à custa da sociedade camponesa que prevaleceu até o advento das máquinas e da tecnologia, em fins do século XIX. A partir de então, a migração das forças de trabalho efetuou-se do campo para a cidade, com a problemática que tal migração traz consigo. As reservas biológicas e culturais da classe camponesa sofrem o impacto do urbanismo. As sociedades altamente industrializadas importam trabalhadores de outras nações, como a Alemanha, França, Estados Unidos. Juntamente com eles, importa-se também os técnicos dos países em desenvolvimento, convertendo, assim, esta prática em uma via de expansão econômica nacional às custas de países mais pobres, com as consequências de ordem familiar que não recompensam o favor econômico que os assalariados recebem, na maioria dos casos.

A mobilidade da espécie humana, dentro ou fora das nações, é um pressuposto do progresso, um fator de renovação e adaptação do indivíduo a novas formas de existência. O imigrante, não obstante, é um desarraigado em pátria alheia, alguém que não é dono de si, nem de seu destino. Caberia pensar se as nações desenvolvidas tem feito da mobilidade uma ponte em direção à fraternidade e à convivência, ou se, pelo contrário, os trabalhadores, os imigrantes, os deslocados do mundo não têm uma "Cidade de Deus" porque nem sequer têm uma cidade entre os demais homens. Qual é a mensagem bíblico-teológica para o problema do "emigrante", do refugiado, dos deslocados e, enfim, de uma sociedade em movimento não ordenado, desejado e aceito como o que nos narra o Êxodo, porém desordenado e caótico?

Está a teologia aproveitando o imenso acervo de doutrina que a Bíblia nos apresenta sobre este aspecto da "mobilidade", como fruto das próprias experiências de um povo em marcha e em movimento, como o foi o povo de Israel?

3) Intelectualização. Nos fins do século XIX generalizou-se o ensino elementar e, logo depois, o segundo grau e o técnico; mais tarde, o ensino universitário. Nos Estados Unidos, a metade da população participa do ensino universitário, e quase a totalidade, do ensino profissionalizante. Na América Latina e no Terceiro Mundo, muitos governos fazem esforços para combater o analfabetismo e pôr o ensino primário e secundário ao alcance das maiorias.

Esta instrução intelectual realiza-se cada dia com maior eficácia. Esta evidente intelectualização promove-se por meio de campanhas estatais, instituições de caráter filantrópico, igrejas e empresas comerciais. Sem discutir os propósitos delas, o fato é que a instrução busca uma utilidade prática, ou, o que dá no mesmo, coloca-se a instrução a serviço da capacitação técnica e profissional. Disse Juan María Domenach:

"O ensino humanista vê-se cada vez mais relegado a segundo plano pelo ensino técnico. Aqui nos confrontamos com um fenômeno ambivalente: por um lado, vislumbra-se a decadência da burguesia tradicional; por outro, a falta de uma sólida base humanista faz com que o ensino se adapte às estruturas e exigências da vida industrial e se ordene segundo elas. Enquanto sua tarefa deveria ser a formação de homens completos, ele inclina-se a ser um servidor da produção."

Por outro lado, a massa tem um acesso à cultura que antes estava reservada às minorias intelectuais elitistas. A televisão, os livros de bolso, o rádio, o cinema, as revistas especializadas ou não e, agora, as fitas cassete e até os computadores caseiros dão numerosa informação, instruem e intelectualizam o povo, conduzido hoje pela fome

de saber a um "ecumenismo cultural", o que faz com que muitos se ocupem, ao mesmo tempo, com os muitos objetos da inteligência. Porém, o cultivo profissional somente da mente, isto é, sem o cultivo paralelo da consciência moral, conduz a equívocos e erros. Somente a instrução intelectual da massa, seu profissionalismo técnico e científico - para repeti-lo até ao cansaço - produzem homens incompletos, fragmentos de homens, unilateralmente formados, capazes de arruinar muitos, porque já se arruinaram a si próprios, ao desconhecer ou menosprezar as leis da ação eticamente má e reprovável, ainda que seja tecnicamente correta e aparentemente boa. Além de inteligência, o homem tem vontade, sensibilidade, consciência, humanidade completa. O labor teológico deveria resgatar a figura humana de sua caricaturização de hoje, relembrando que ela foi criada à imagem de Deus (Gn 1.28) e insistindo sem descanso que o único modelo autêntico, completo e definitivo para reconstruir a raça humana é Jesus Cristo, o verdadeiro homem (Jo 19.5; Hb 2.5-18).

À medida que a intelectualização se torna mais ampla por causa das urgências da indústria, os técnicos ou tecnocratas de hoje estão na alternativa de tomar decisões importantes e exercer controles. Isto exige muito mais que a simples preparação nas normas especializadas da ciência. Porventura os teólogos não têm pensado isso há muito tempo? Seu trabalho teria sido menos errante, e melhores as normas do homem de fé que se responsabiliza diante de Deus e diante dos seus para cumprir a tarefa que lhe corresponde como filho de Deus. Isso, porém, sem abandonar seus deveres como profissional da vida. Existe a profissão de ser homem, tão necessária como as outras profissões.

4) A racionalidade e suas consequências irracionais.
Como consequência do anterior, chega o domínio da racionalidade, o império da razão em cada atividade:

a) A técnica muda as condições da vida cultural: os climas, as distâncias, o "habitat"; a técnica moderna inverteu, também, a relação campo - cidade, que constituía o eixo da vida anterior ao industrialismo. Surgem então os problemas urbanos e rurais, igualmente: ao dispersar-

se para fora, a cidade perde sua unidade orgânica; ao deixar-se invadir, o campo destrói seus espaços vitais, sua segurança, sua identidade. O campo perde população e o seu marco cultural, que o desabilita a proporcionar o que a cidade requer. Assim, a cidade, que absorve o campo a partir de fora, o destrói também interiormente. Visto que a vida rural é mais antiga, tem lugar, então, uma degradação mais grave.

É esta degradação do natural e do humano que o teólogo enfrenta em seu labor teológico; não os princípios abstratos, mas os fatos da salvação que já uma vez sucederam:

1º) Deus traçou um plano ou projeto divino de salvação (Ef 1.3-11).

2º) A história humana, como tal, também está ligada a este plano, pois toda a criação geme, até que seja redimida (Rm 8).

3º) As pequenas comunidades cristãs que surgiam da ação apostólica eram núcleos vivos de amor e convivência, em meio à decadência pagã do Império Romano. As igrejas de Deus em Corinto, Éfeso, Galácia, Tessalônica, Filipos começavam a "dignificar" a degradação massiva da sociedade pagã.

b) Racionalidade irracional: os efeitos da racionalidade organizadora da ciência e da técnica pareciam, a princípio, muito positivos: ordem, planificação absoluta, esquemas perfeitos, realizações cumpridas a curto ou longo prazo. No final de toda esta organização cuidadosa estaria o progresso, a sociedade sem classes, a Internacional Socialista, a Igreja Universal. Sucedeu o contrário. Ou melhor, parece que a **irracionalidade** é a meta da sociedade moderna. Como apontamos antes, o campo e a cidade se contrapõem. A irracionalidade, frente à natureza, faz com que esta já não seja "Mãe", como queriam os românticos, mas "madrasta" (uma frase de R. Guardini). A "pólis" nova, a cidade, é um símbolo do naufrágio humano, sua irracionalidade abarca os cidadãos e os partidos políticos, os planejadores da crise e os desvalorizadores das classes sociais.

O labor teológico deveria assinalar profeticamente as teses correspondentes e necessárias: (1) dar a Deus o que é de Deus e a César o que é de César; (2) buscar primeiro a justiça e depois o restante; (3) de nada vale ganhar o mundo se perder o que é o melhor, que é a alma; (4) não se pode edificar sobre a areia; (5) acima de todas as coisas, de evoluções, de contingências e poderes, existe Deus, pois, como dizia Aristóteles, há coisas mais divinas do que o homem. E quando os homens, aturdidos ou confiantes pelas conquistas ou avanços humanos, se desviam de Deus, principia o caos, a confusão, "porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-lhes o coração insensato" (Rm 1.21-22).

É aqui que a teologia, como ciência de Deus para os homens, deve levantar sua voz. Para um homem rodeado de contingências e relatividades, as quais a ciência, a técnica e a comunicação social fazem parecer como transcendentais e perenes, o labor teológico deve projetar a luz da verdade revelada que valoriza, admira e canta a criação em toda a sua beleza e valor, alegra-se e bendiz a Deus pelas conquistas da inteligência e pelo progresso; porém, coloca o homem e suas relatividades, por grandes e importantes que sejam, na justa perspectiva de criaturas, e leva o ser humano pela mão até os limites do eterno, para que descubra a altíssima vocação a que foi chamado como filho de Deus (Jo 1.12), redimido por Jesus Cristo, com possibilidades infinitas de conquistar as estrelas... e o céu... (Ap 21-22).

II) O LABOR TEOLÓGICO, A PALAVRA DE DEUS E A MISSÃO DA IGREJA

Permita-se-me apresentar este estudo em forma de tese, com três linhas de desenvolvimento:

A) Tese

(a) A missão da igreja é a de proclamar os feitos de

salvação em Cristo Jesus, mediador e redentor dos homens. Feitos esses que são história. Não obstante já haverem sucedidos, de uma vez por todas, voltam a se repetir ao longo da história humana, individual e social, enquanto Jesus Cristo os torna extensivos e atuais para cada comunidade, e para cada pessoa em particular. Lucas nos narra, com as palavras de Cristo, como o Mestre concebeu esta missão:

"Então lhes abriu o entendimento para compreenderem as escrituras; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos ao terceiro dia, e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados, a todas as nações, começando de Jerusalém. Vós sois testemunhas destas coisas." (Lc 24.45-49)

(b) Por sua vez, a teologia, em seu trabalho especulativo, trata de estabelecer uma relação entre Verdade e História, relação que se refere aos próprios feitos salvíficos de Deus, que devem cumprir-se em cada um de nós, através de uma situação concreta e em um tempo, também determinado e concreto.

B) Desenvolvimento da Tese

Introdução

Âmbito do Labor Teológico, Palavra de Deus e Missão da Igreja

Não percamos de vista o âmbito do labor teológico, tratado no capítulo anterior: um mundo de relatividades, mudanças e evoluções permanentes, que contrastam com a perenidade da Palavra. Uma vez pronunciada, esta subsiste, dotada de força original (Is 9.7); é irrevogável (Is 31.2); não falha jamais (Js 21.45; 23.14), porque o Senhor mesmo a sustém (Dt 9.5; Nm 23.19; Is 44.26), a cumpre (1 Rs 2.27; 8.24) e permanece atento a seu cumprimento (Jr 1.22). Sua perenidade é fruto de sua consistência e eficácia, oposta à palavra do homem, que diz e não faz; fala, porém não sustém o dito (Nm 23.19).

Tampouco se pode perder de vista a missão da igreja, que consiste no anúncio dos feitos salvíficos em Cristo, na proclamação do kērigma, dizer o que uma vez sucedeu a um povo que esperava com ansiedade um Sacerdote, um Profeta, um Messias.

Estabeleçamos, então, a primeira linha de desenvolvimento da tese inicial:

C) Primeira Linha de Desenvolvimento: O Ponto de Partida da Teologia

1) O ponto de partida do labor teológico é a fé da igreja, a qual, por definição, nos põe em contato com a Sagrada Escritura. Ao mesmo tempo, a Escritura nos narra que é Deus em pessoa que toma a iniciativa e põe em marcha o processo histórico de salvação, desde antes da criação do mundo (Ef 1.3-11). É evidente, então, que pela fé recebida e pregada, a **teologia vá em busca de seu objeto**, que é Deus mesmo. Como ciência de Deus, a teologia e o labor teológico subsequente não têm outro apoio e fundamento que não seja a fé da igreja, que é a da Bíblia. A tradição patrística e a teologia **da alta idade média** identificavam a "sacra doutrina" com "Sacra Scriptura" e "sacra página", isto é, a doutrina com a Palavra de Deus. A este respeito, diz Pannenberg acertadamente:

"Isto pressupõe que a teologia em geral deriva sua unidade de seu objeto e que, portanto, este último objeto é também unitário. Este pressuposto foi posto em dúvida por Guillerme de Ochham e, mais tarde, por Schleiermacher. Estes dois autores opinavam que a teologia tem que ocupar-se com uma multidão de objetos heterogêneos. Em tal perspectiva, sua unidade somente pode ser justificada como uma unidade de método ou pela unidade de sua referência a uma práxis, que lhe é dada de fora de seus objetos. A isto, não obstante, há de se responder, por um lado, que a teologia deve sua unidade, como teologia, não a um método unitário; propriamen-

te, em suas disciplinas parciais aplica métodos completamente diferentes. Porém, por outro lado, a unidade da teologia tampouco se pode justificar somente por sua referência a uma práxis externa a seus objetos." (PANNENBERG, W. Teoria da Ciência e Teologia. p. 305ss.)

2) **Ponto de chegada da teologia.** Descoberto pela fé, o objeto da teologia, em seu ser e trabalho, se comunica ao mundo. Ou seja, o ser de Deus sai de si ao encontro do homem num ato supremo de amor (Fp 3.14-20). É o momento da plenitude da História Universal Humana, quando Deus se faz homem. "Aquele que é a Palavra se fez homem e viveu entre nós, pleno de amor e verdade. E vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai." (Jo 1.14)

Não obstante, ser e labor se correspondem. Ao fazer-se Cristo-Deus homem verdadeiro, concretiza-se a mensagem. Porém, ao mesmo tempo, a mensagem e seu portador se entregam aos dois pontos de referência do anúncio:

a) O ponto de partida: a fé, Deus como objeto da teologia e, simultaneamente,

b) O ponto de chegada: o povo, o homem concreto, a humanidade diversificada, as situações particulares em que é necessário redimir e salvar.

O ponto (a) é indiscutível, por sua condição de objeto unitário da teologia. O ponto (b) é indiscutível também, como "multidão de muitos feitos heterogêneos externos", não alheios à natureza da mensagem, mas considerados como ponto de chegada do kērigma, o anúncio da salvação. Ao considerá-los assim, com referência ao objeto (sub-ratione Dei), a Teologia (doutrina sobre Deus) se torna Economia de Deus (doutrina sobre o plano salvador).

" (...) o termo 'teologia' teve, em suas origens, o sentido estrito da doutrina de Deus e de sua realização na história da salvação, começando pela criação e indo até a consumação escatológica. A posterior ampliação do conceito de teologia aos temas da economia divina tem-se visto como

justificada, enquanto que tudo o que passa a ser tema em uma teologia entendida deste modo geral, é temática desde o ponto de vista de sua referência a Deus (*subratione Dei*).” (PANNENBERG. op.cit. p.306)

3) A viagem da fé, desde sua origem até sua realização no tempo. A partir de seu ponto de partida, a fé avança em duas direções. Primeiro, em direção à Escritura, que a leva e a contém; depois em direção à realidade total em que se circunscreve a Revelação. Um destes marcos necessários é o fator tempo, onde e através do qual a fé, como verdade divina, vai ser proclamada.

Nesta viagem da fé, a partir de Deus, objeto e centro da teologia, até o homem e o mundo ao qual Deus quer falar e para o qual sua Palavra se torna mensagem de salvação, o teólogo deixa de ser "contemplador" das verdades e se converte no "proclamador" das mesmas.

Contemplação sem proclamação constitui um ministério truncado e incompleto.

Descer o monte da transfiguração, depois de ver a Cristo, acompanhado pelos representantes da lei e da profecia, foi a lição que Pedro teve que aprender, apesar de desejar o contrário (Mt 17.1-13).

A verdade de Deus, o evangelho de Cristo, os próprios Deus e Jesus Cristo tornam-se realidade na vida diária dos crentes que os recebem, assimilam sua mensagem e a vivem cotidianamente, convertendo-a em teologia encarnada ... Palavra transformada em vida, como o pede Tiago em sua carta "às doze tribos que estão na dispersão" (Tg 1.1).

A igreja, o pastor, o teólogo fazem sua melhor teologia "ao pé do cânon do ministério", "com as mãos no arado" (Lc 2.10), à maneira dos apóstolos e dos pais da igreja, convertendo, com o auxílio do Espírito, a história da salvação na economia da salvação, da qual participa e goza "todo o povo" (Lc 2.10).

É precisamente com este ministério que tem relação o papel hermenêutico da teologia, que aparece na nossa se-

gunda linha de pensamento.

D) Segunda Linha de Desenvolvimento: Papel Hermenêutico da Teologia

1) A proclamação da fé (ponto de partida da teologia) realiza-se no contexto geral da história da salvação, num plano teórico; porém, no plano comum da prática, essa mesma proclamação é feita no quadro de uma comunidade histórica.

2) O contexto geral e o quadro particular exigem a adaptação correta da universalidade dos princípios à particularidade das pessoas e das situações. A automanifestação de Deus sempre é histórica, porque se realiza nas religiões que Luckmann define como "institucionalizações histórico-específicas de universos simbólicos". (LUCKMANN, T. The Invisible Religion.) Podemos descobrir esta realização concreta do evangelho encarnado em uma coletividade histórica em frases tão simples do NT como as que encabeçam várias epístolas: "(...) a igreja de Deus que está em Corinto (...)" (1 Co 1.2), "(...) a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os bispos e diáconos" (Fl 1.1), "Saúda os irmãos que estão em Laodicéia, e Ninfas e a igreja que está em sua casa" (Cl 4.15).

3) O método da investigação histórica, aplicado à hermenêutica, é frutífero quando a teologia não perde nem seu objeto, nem seu ponto de partida, já anunciado; adiciona, porém, o interesse vivo e atual pela realidade. O espírito humano é, antes de tudo, memória, lembrança, a "anamnesis" grega que, a partir da lembrança histórica, volta-se para o futuro. O labor teológico é crítico à situação e é também objetivo ante à necessidade de salvá-la pela mensagem. O labor teológico se converte, assim, numa espécie de "sacramento" da lembrança; saber o que Deus já fez e, em seguida, fazer saber aos homens que estes feitos, que são salvação, repetem-se para os homens de hoje dentro de sua situação, a qual o teólogo deve descobrir, compreender e tornar explícita para que a mensagem chegue ao alvo.

"O caminho que a dogmática, entendida co-

mo a hermenêutica, terá de percorrer entre os dois pólos formados pela revelação que surgiu no passado, de uma vez para sempre, e a proclamação que **hoje** há de se realizar, é o caminho da "anamnesis" histórica, a qual é impulsionada por uma pergunta: 'Qual é o futuro desta proclamação?'. (KASPER, W. Unidad y pluralidad en teología. p. 59.)

4) Uma olhada rápida ao desenvolvimento do labor teológico no passado pode indicar-nos muita coisa interessante sobre seu papel hermenêutico: o labor teológico se manifestou no passado como "fê que busca o entendimento", **fides quaerens intellectum**, de Santo Anselmo de Canterbury. No processo de auscultar a realidade em sua verdade, a teologia, como fê, busca o entendimento e as razões que tem e promove, a partir de um exercício intelectual autêntico. Tanto a "fides" quanto a "ratio" eram os dois únicos olhos de uma única teologia, como disse J. Doelinger. Teologia capaz de dar as razões da fê e os motivos da esperança cristã (1 Pe 3.15). Até a Idade Média, andaram juntos "fides", "intellectus" e "ratio". Esta última, a razão teológica (**ratio theologica**), era uma espécie de aplicação das diversas implicações da fê no seu desenvolvimento e imanência. Ao aparecer a Idade Moderna, a "autoritas" e a "ratio" se separaram; negou-se autoridade às palavras (nominalismo) e a "ratio", isto é, a razão, sustentada somente pela ciência, busca acesso na realidade, com os recursos humanos. O homem abandonou a fê e se tornou "racionalista".

O papel hermenêutico da teologia sofre os impactos de novas concepções históricas, entre elas o Humanismo e a Reforma. Ambos os movimentos unem-se para rechaçar a Escolástica. O primeiro, por uma abordagem leiga e direta ao mundo antigo; o segundo, por motivos teológicos que apelam à Escritura em fonte, a Bíblia.

A partir do século XVII, aparecem o dogmatismo, a 'clericalização' da teologia, a mentalidade de "gueto", a incapacidade para o diálogo. Como resultado, os "dogmas"

ou declarações dogmáticas adquirem caráter absoluto, com a respectiva "excomunhão" para os rebeldes. Não obstante, o labor teológico não pode, nem deve estancar-se nos dogmas, definidos pela **autoritas** e congelados por ela em benefício próprio:

"O dogma já não será senão uma dimensão histórica e relativa que só possui significado funcional. O dogma é relativo enquanto presta seu serviço e está orientado à Palavra de Deus, e é relativo enquanto está em relação com a problemática de uma determinada época e ajuda à correta compreensão do evangelho em situações bem concretas. Nesta dupla auto-superação, terá de haver sempre o dogma e, com ele, a dogmática que tenta explicá-lo por meio de uma reflexão científica." (KASPER. op. cit. p. 39.)

A teologia dogmática está, pois, a serviço do labor teológico, e não vice-versa. Cronologicamente, a teologia moral fez sua aparição no começo do século XVII. Nesta época, os teólogos, cansados de controvérsias inúteis e renunciando a seu papel específico, enfatizaram a doutrina do Magistério Eclesiástico, que deixa de lado, algumas vezes, o magistério vivo da Bíblia. O labor teológico perdeu seu sentido, sua perspectiva, sua clara missão histórico-crítica. Contribuiu, isso sim, para maiores e posteriores desenvolvimentos, porque pôs em evidência que a proclamação fé, do "kérigma", da boa nova é, antes de tudo, **uma proclamação missionária, e não apologética.**

Provoca-se, então, até certo ponto, na forma de fazer teologia, um regresso ao método da Igreja Apostólica e primitiva. Os apóstolos, e pais da igreja que os sucederam, não separaram o labor teológico do trabalho pastoral. Para eles, fazer teologia era parte do ministério como pastores. Todos foram, sem exceção, homens de igreja, que tinham seu rebanho, ao qual nutriam, tornando "atual" a mensagem da fé e do evangelho.

Esta mensagem, é certo, tomava forma de defesa ou

apologia e ainda de controvérsia. Porém, ainda neste caso, a "racionalização" e o "argumento" tinham o objetivo missionário, pastoral/evangelístico da PROCLAMAÇÃO. Em todo caso, estava em relevo o interesse do 'rebanho', da igreja.

Por isso, nem no NT, nem nos primeiros séculos da igreja, sentiu-se a necessidade de uma Teologia Sistemática. As teses teológicas que deveriam ser expostas eram ditadas pelas necessidades dos fiéis. Desta "divina desordem de temas", beberiam mais tarde os grandes doutores e "sistematizadores" da igreja, como um Agostinho, um Alberto Magno, um Tomás de Aquino, deixando-nos uma obra formidável que vale, sobretudo, como fonte de exposição de verdades, na qual nos abastecemos para o gasto diário em nosso labor pastoral de "teólogos de trincheira". Entramos, agora, na terceira linha de desenvolvimento:

E) Terceira Linha de Desenvolvimento: O Método Teológico de Aproximação da Realidade

1) Visto o ponto de partida da teologia, a fé, e sua meta de chegada, no tempo, que é o da pessoa (o homem e a mulher de carne e osso), veremos agora qual é o método teológico e sua realização prática dentro do tempo (que é a das comunidades e das pessoas), isto é, no espaço temporal e geográfico das comunidades situadas historicamente.

a) O método, em geral, é um caminho que conduz de maneira segura a um objetivo determinado. A partir do ponto de vista da investigação moderna, o método é uma técnica científica que conduz a uma meta de conhecimento e ação de terminados por certas premissas.

b) O objeto do método é, em consequência, obter conhecimentos fundamentados e coerentes, dentro de um campo específico da realidade. **A força do método depende da natureza ou essência da realidade que investiga.** Isto é o que algumas ciências modernas não querem entender, ao querer aplicar a Deus, como objeto da teologia, um método analítico de comprovação experimental e de verificação, método que não funciona nem sequer em outras ciências do espírito menos transcendentais, como a literatura, a estê-

tica, a filosofia.

c) **Conceitos sobre a realidade.** A este respeito é conveniente revisar os **conceitos sobre a realidade**. Normalmente se diz que os âmbitos da realidade são três: a natureza, o homem e Deus. Hoje, cada um deles está ampliado até ao infinito, como consequência não somente do desenvolvimento científico, mas também de certa "humildade científica", que permitiu a muitos ampliar sua visão do infinitamente desconhecido. Inclusive o âmbito da realidade divina há que ser visto mais uma vez, a partir de pontos de vista que não sejam os mesmos do passado. Vivemos num mundo em que o mistério faz parte do contexto humano.

"Se hoje queremos seguir falando responsabilmente de Deus, este Deus tem que ter algo a haver com nossa realidade experimental. Isto é: o problema de Deus está intimamente relacionado com o problema do homem, e não menos com o da realidade em geral. Por isso, estas teses não começam com a existência de Deus, mas com uma análise inquiridora de nossa realidade.

A realidade? Realidade é tudo o que é real; tudo o que é, todo ente, isto é, a totalidade dos entes e, neste sentido, o ser existente enquanto tal. Não vamos analisar aqui detalhadamente o que é realidade. Não é possível definir a realidade de antemão, pois o onicompreensivo é, por definição, indefinível, indeterminável. Porém, vamos recordar sinteticamente o que concretamente significa este tão variado e pluridimensional conceito de realidade, para não nos perdermos em expressões abstratas, vazias de conteúdo.

A realidade é, em primeiro lugar, o mundo e tudo o que integra o mundo no espaço e no tempo, o macrocosmos e o microcosmos com seus insondáveis abismos. O mundo, em sua história, no passado, no presente e no futuro. O mundo com a matê-

ria e a energia, com a natureza e a cultura, com todos seus prodígios e horrores.

A realidade, dentro do mundo, compõe-se, especificamente, dos homens; os homens de todos os níveis e classes, de todas as cores e raças, nações e religiões, tanto o homem individual como a sociedade. Os homens: os distantes e, antes de tudo, os próximos que, com frequência, são os mais distantes.

A realidade do mundo, do homem, de mim mesmo, apresenta-se com uma radical *ambivalência*: êxito e fracasso, felicidade e desgraça, salvação e condenação, sentido e sem sentido. Com isto não se trata de tornar o mundo mau, para que os teólogos possam incluir Deus na confusão mais facilmente, mas sim de fazer um inventário imparcial do que existe. A teologia não fabrica a realidade, mas a interpreta."

(KÜNG, H. 24 Tesis sobre el problema de Dios. pp.17-21.)

E, para interpretá-la, conta com a luz da verdade daquele que a conhece em plenitude, porque a domina como Senhor, Aquele que pode dizer pelo salmista: "Conheço todas as aves dos montes, e são meus todos os animais que pululam no campo." (Sl 50.11)

2) O método teológico

É evidente que a teologia não é ciência, no sentido moderno da palavra, e que, por conseguinte, seu objeto unitário, Deus, tal como o temos considerado, não se submete à análise científica:

"Este é o momento da verdade do axioma de que Deus é não-objetivável, porque não é um objeto de que possamos dispor. Assim, pois, as afirmações sobre Deus, sobre sua ação ou revelação, não se podem controlar diretamente por este seu objeto. Porém, isto não significa que não sejam controláveis

de modo algum. Também pode-se provar algumas afirmações, por exemplo, por suas implicações." (PANNENBERG. op.cit. pp. 339-340.)

Por exemplo, Deus pode evidenciar-se numa comunidade, como ocorre em nossa sociedade, por sua presença ou por sua ausência; presença e ausência que se tornam evidentes na vida dos indivíduos e povos que, de acordo com sua fé ou não fé, amam ou odeiam, servem ou desprezam o próximo, planejam sua vida pressupondo a eternidade ou vivem simplesmente para o aqui e agora. Deus é que faz a diferença.

Não obstante, a teologia não é alheia a um método científico. Está interessada no rigor e no estudo dos dados, numa investigação que aceite suas responsabilidades, seu papel de conhecer a ciência certa, seus resultados que sejam claros e também práticos, posto que os princípios se encarnam e sustentam em atos. Isto seria tanto como provar as "afirmações da teologia por suas implicações", sem que Deus deixe de ser o objeto que escapa às exigências da experimentação moderna, já que afirmá-lo seria como submeter a própria divindade, a essência de Deus, aos moldes humanos.

3) O problema do método especulativo racional

Precisamente falando da divindade, dizia o Mestre Eckhart que Deus está além de toda determinação ontológica, isto é, que se encontra "além do ser", razão pela qual Mario Victorino afirmava no século IV: "Deus não é 'ser' (on), mas, em vez disso, 'ante-ser' (pro-on)." O ser de Deus, entretanto, não se identifica com o ser da metafísica, mas consigo mesmo. "Não se trata simplesmente," diz Zubiri, "de ampliar o 'é' para alojar Deus nele. A dificuldade é mais complexa. Não sabemos, de imediato, se isto (este "alojar") é possível". Tais seriam os problemas de uma teologia especulativa e de um método racional para encontrar Deus. É mais lógico, do ponto de vista do labor teológico, repetir o que dizíamos a princípio: o ponto de partida é a fé da Escritura e, mediante ela, a interpretação e adaptação da mensagem às novas circunstâncias.

4) Ciência e sabedoria

O âmbito em que se move a investigação do objeto da teologia não é alheio às ciências. Aristóteles o explicou assim, quando relacionava **sabedoria** (sofia) e **ciência** (episteme). O sábio, dizia, tem em si duas classes de conhecimento: o conhecimento que deduz dos princípios, o qual é próprio das ciências; e o conhecimento intuitivo, seguro dos mesmos princípios, o qual é próprio da sabedoria. Santo Agostinho afirmou, mais tarde, que as ciências ocupam-se do temporal, enquanto que a sabedoria (crisã) se dirige ao eterno, este entendido como "Bem Supremo". Não obstante, as ciências e a sabedoria não se excluem, porque as primeiras podem conduzir a segunda e, com efeito, depois da encarnação, o Verbo de Deus é para os homens não somente o "resumo da sabedoria, mas também da ciência".

"Cristo é, pois, nossa ciência, diz Agostinho, e o mesmo Jesus Cristo é nossa sabedoria. Ele mesmo nos dá a fé acerca das coisas temporais e ele mesmo nos mostra a verdade das coisas eternas. Por ele vamos a ele mesmo; andando por meio da ciência à sabedoria. Do Uno e idêntico Jesus Cristo não nos apartamos, no qual estão escondidos todos os tesouros da ciência e da sabedoria (...)." Tratado "De Trindade" XIII, 19 (24).

Tudo isto não é mais do que a confirmação de 1 Co 12.8, onde Paulo atribui ao mesmo Espírito a Sabedoria do divino e a ciência do humano: "Porque a este é dada, pelo Espírito, palavra de sabedoria; a outro, palavra de ciência, segundo o mesmo Espírito". (1 Co 12.8)

5) O "histórico" na teologia

O delineamento do problema do método teológico apresenta outros dois problemas simultaneamente: (a) o do "histórico" na teologia e (b) o da relação entre pensamento universal e verdade histórica.

(a) O "histórico" não é privativo da teologia; é uma

dimensão necessária e não-objetivável do humano. O "ser" é tempo, explicou Heidegger, porque as "coisas" se fazem no tempo, com tempo e, às vezes, contra o tempo cronológico; porém, jamais no vazio. A intuição da historicidade como fator formativo da pessoa é um fato que não pode ser discutido hoje. A cultura da sociedade, a transmissão do conhecimento, pressupõem um horizonte histórico. A categoria do histórico divide a história universal em idades, o tempo em anos, os anos em meses e dias.

O encontro com a história tem lugar num momento crítico de interiorização, onde cada qual encontra sua 'tradição' que, a princípio estava ali, porém, morta. Recuperado o passado, também se recupera o futuro e suas possibilidades; e, com ele, a memória do tempo, a "anamnesis" (a lembrança que se volta a viver). Neste caso, a anamnese teológica que "há de interrogar sempre o seu objeto, a fé, com vistas à promessa que esta traz consigo para o problema salvífico existencial do homem de hoje". A teologia, diz Ebeling, entende a palavra historicamente como acontecimento verbal que notifica uma compreensão.

No Israel antigo, na verdade, compreender a palavra significava possuir o poder de sua significação e conteúdo. Conteúdo e poder eram uma mesma coisa, no que se refere à palavra. Por isso, para Ebeling, o importante na palavra não é sua estrutura abstrata ou "enunciado", mas a COMUNICAÇÃO que, através dela, se dá. Não a "informação" que recebemos através dela, mas AS PROMESSAS concretas que nos transmite e assegura.

Essa essência da palavra, que é PROMESSA, converte-se na realidade mais sublime e pura quando o que fala, ao pronunciar a palavra, promete-se a SI mesmo: ELE MESMO é a palavra e a PROMESSA ... comunicação e PODER.

A palavra e a linguagem em geral, como comunicação do VERBO (Palavra de Deus, pronunciada desde a eternidade), se realiza no EVANGELHO como a PROMESSA de Deus, cumprida em plenitude em Jesus Cristo.

Fé na Palavra é fé na PROMESSA, fé no PODER DE DEUS. Fé em Jesus Cristo, Palavra Eterna de Deus, cumprida e encarnada, feita realidade histórica. Esta Palavra e Evange-

lho se tornam história da Salvação na comunidade cristã e ainda a nível particular, no crente que a aceita e vive: "Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve as minhas palavras, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida." (Jo 5.24)

A esta Palavra e Evangelho, que em seu conteúdo e promessa são PODER, se referia Paulo quando exclamava: "(...) não me envergonho do evangelho, pois é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê (...)" (Rm 1.16)

6) Nova concepção das ciências do espírito

Estamos, pois, frente a uma teologia que faz história agora com a história de sempre. Uma SOTERIOLOGIA que salta das páginas da Bíblia e dos tratados teológicos, tornando-se história da salvação cotidiana na vida da igreja, como comunidade salvífica, e ainda na vida dos que recebem a mensagem, crêem e vivem. Tudo isto supõe: (a) uma nova concepção das ciências do espírito, que se dão no tempo, e não fora dele; (b) uma aceitação do humano como indispensável pressuposto do divino e seu ingrediente necessário; (c) uma teoria que não contradiga a prática, e vice-versa. A verdade não há de limitar-se somente a interpretar o mundo, mas também deve transformá-lo; é a ordem que Karl Marx dá a seus seguidores. E nossa teologia, que busca a autêntica Verdade da Palavra de Deus? "Uma teologia não é mais científica pelo mero ato de retirar-se elegantemente de todos os problemas concretos e atuais", afirmava W. Kasper.

7) Verdade histórica e pensamento: Teologia do concreto

O problema da relação entre a verdade histórica e o pensamento é consequência do anterior. Dizendo de outra forma, Verdade e História entram em contato através do momento particular da ação pessoal humana, onde o pensamento da fé (quando se trata da teologia) se realiza plenamente, e no concreto, mediante uma objetivação da verdade, ou dos princípios gerais.

Este tipo de relação entre pensamento e história particular teve como resultado um novo tipo de investigação que, por sua vez, produziu uma teologia **histórica**, e inclusive uma **teologia do concreto**. A primeira busca uma interpretação histórica dos dogmas, ou melhor, uma interpretação da verdade revelada colocada em função de quantos necessitem ser salvos em Cristo, em cada época.

Por sua vez, a **teologia do concreto** é o fruto de um pensar mais coerente, quando se trata de aplicar os princípios ou ideais gerais à vida diária. Em outras palavras, o pensamento tende ao objeto do pensado, a idéia tende a sua realização, os conceitos têm um "lugar na vida", além de serem afirmações teóricas. Referem-se a algo, nomeiam as coisas, porém, igualmente as põem em relação conosco. Deste modo, estabelece-se a relação pessoal entre verdade e indivíduo, entre teoria e prática. Quando este modo de pensar se aplica a um método teológico, as conseqüências são claras:

- a) o pensado, como verdade abstrata, se concretiza no homem;
- b) o universal se torna particular e a ação humana se enche do conteúdo do pensado.

A esta altura, os conceitos teológicos, tais como Cristo, salvação, carisma, filiação divina, amor ao próximo, graça, redenção, Espírito, etc., não somente significam algo, como também têm seu pressuposto na vida de cada qual e são sua revelação pessoal. O conceito alcança validade na medida em que se torna parte da existência histórica.

Resulta, assim, o que Rolando Gutiérrez chama "uma disciplina comprometida":

"A teologia não é tanto uma disciplina interpretativa, nem revelação às secas, nem simplesmente reação. Está comprometida com Deus num contexto concreto. É a revelação, o entendimento pela fé verificado pela palavra; porém, atuando em meio às necessidades da vida e da orientação de todo o universo, de acordo com os de-

signios de Deus. Deus no mundo, através de sua igreja, são elementos incluíveis na elaboração de qualquer pensamento teológico." (Apontamentos para uma Metodologia Teológica.)

Deus, Palavra, Igreja, Jesus Cristo e o Espírito se associam, assim, em um só **ministério**, para o qual foi criada a igreja, e do qual a teologia participa num grau elevado. É, com efeito:

(a) **Um ministério** da comunicação da verdade e vontade que busca unir os homens com Deus em amor e obediência, através de Jesus Cristo. "Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada." (Jo 14.23)

(b) **Um ministério** de transmissão do poder de Deus através da proclamação de sua Palavra, que o Espírito confirma em nós. "Isto vos tenho dito; estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito." (Jo 14.25-26)

(c) **Um ministério** de comunicação das promessas de salvação, cumpridas em Jesus Cristo, que se tornam realidade histórica cada dia na igreja e no crente que as recebe em fé. "Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti; assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." (Jo 17.1-3)

8) CONCLUSÕES

Chegamos, aqui, a algumas conclusões:

1. A teologia e o labor teológico que lhe é concomitante têm seu objeto, porém, não um método unitário.
2. Depois da encarnação, o objeto da teologia e a multidão de objetos heterogêneos que a acompanham se relacionam reciprocamente "**sub ratione Dei**"

(sob a razão de Deus).

3. O método teológico deve ser um método histórico, e não somente teórico ou especulativo; inspirado teologicamente pela fé, iluminado pela Palavra e conduzido cientificamente a partir da realidade do mundo concreto.
4. A relação entre verdade teológica e história humana conduz a uma concepção total da fé teológica, não como um conceito inerte, mas como um modo de existência real na vida cristã.
5. O labor teológico é um dos ministérios cristãos mais preciosos, necessários e atuais. O teólogo como pregador, missionário ou pastor tem a sublime missão de COMUNICAR AS PROMESSAS, tornar explícita a MENSAGEM do Evangelho de alegria e PODER, levando em conta as implicações que esta mensagem tem para um mundo e um homem rodeados de relatividades que, com o homem, necessitam ser redimidas. "(...) na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus." (Rm 8.21)

Luciano Jaramillo Cárdenas

Miami, novembro de 1982.

(Tradução: Thomas Gaiser)